

## Diálogo

Personagens: *Cyril e Vivian.*

Cenário: *A biblioteca de uma casa de campo em Nottinghamshire.*

CYRIL (*entrando pela porta envidraçada do terraço*): Meu caro Vivian, não te deixes ficar o dia todo fechado na biblioteca. Está uma tarde realmente esplêndida. Uma temperatura deliciosa. Por cima dos bosques há uma névoa púrpura e avermelhada cor de ameixa. Vamos estender-nos na relva, fumar um cigarro e gozar a Natureza.

VIVIAN: Gozar a Natureza! Alegro-me poder dizer que se trata de uma faculdade que eu perdi completamente. Dizem-nos que a Arte nos faz amar a Natureza mais do que a amávamos antes; que nos revela os seus segredos; e que, depois do estudo atento de Corot e de Constable, passamos a ver nela coisas que tinham escapado à nossa observação. A minha própria experiência é que, quanto mais estudamos a Arte, menos nos ocupamos da Natureza. O que a Arte realmente nos revela é a ausência de propósito na Natureza, as suas curiosas grosserias, a sua monotonia extraordinária, a sua condição absolutamente incompleta. A Natureza tem boas intenções, evidentemente,

mas, como disse uma vez Aristóteles, não é capaz de as levar por diante<sup>1</sup>. Quando olho para uma paisagem, não posso impedir-me de ver todos os seus defeitos. É, todavia, uma sorte para nós que a Natureza seja tão imperfeita, uma vez que de outro modo, pura e simplesmente, não teríamos arte. A Arte é o nosso protesto enérgico, a nossa denodada tentativa de ensinarmos à Natureza o lugar que lhe é adequado. Quanto à variedade infinita da Natureza, trata-se de um puro mito. É coisa que, na própria Natureza, não se encontra. Reside na imaginação, ou na fantasia, ou na cegueira cultivada do homem que olha para ela.

CYRIL: Está bem, não precisas de olhar para a paisagem. Podes estender-te na relva, fumar e conversar.

VIVIAN: Mas a Natureza é tão desconfortável. A relva é áspera, irregular e húmida, e está cheia de insectos pretos medonhos. A verdade é que até o mais pobre dos operários de Morris<sup>2</sup> seria capaz de te fazer um assento mais confortável do que tudo o que a Natureza é capaz de fazer. A Natureza empalidece diante dos móveis da «rua que de Oxford tomou o nome», nas palavras horrendas do poeta de que tu tanto gostas. Não me queixo. Se a Natureza fosse confortável, a humanidade nunca teria inventado a arquitectura, e eu prefiro as casas ao ar livre. Dentro de uma casa todos sentimos que as dimensões nos são adequadas. Todas as coisas se subordinam a nós, foram moldadas para nosso uso e nosso prazer. O próprio egoísmo, que é tão necessário a um sentido adequado da dignidade humana, é inteiramente um resultado da vida dentro de casa. Fora de casa, tornamo-nos abstractos e impessoais. A nossa individualidade abandona-nos por completo. E depois, a Natureza é tão indiferente, tão insensível. Sempre que passeio neste parque, sinto que para ela não sou mais do que o gado que pasta na encosta ou do que as bardanas que crescem na vala. Nada é mais evidente do que o ódio que a Natureza tem ao Espírito. O pensamento é a coisa menos saudável do mundo, e as pessoas morrem dele como de outra doença qualquer. Felizmente, em Inglaterra, em todo o caso, o pensamento não é contagioso. Enquanto povo, a nossa con-

dição física esplêndida deve-se inteiramente à nossa estupidez nacional. Tudo o que espero é que, no porvir, sejamos capazes de manter esse baluarte histórico da nossa felicidade durante muitos anos; mas receio que estejamos a começar a tornar-nos demasiado cultivados; porque o certo é que todos os que se mostram incapazes de aprender são postos a ensinar — tal é o resultado a que chegou o nosso entusiasmo pela educação. Entretanto, farias melhor se voltasses à tua aborrecida e desconfortável Natureza, e me deixasses corrigir as minhas provas.

CYRIL: Estás a escrever um artigo! Isso não é lá muito coerente depois do que acabaste de dizer.

VIVIAN: Quem quer saber da coerência? O obtuso e o doutriniário, essas pessoas maçadoras que levam os seus princípios aos extremos amargos da acção, à *reductio ad absurdum* da prática. Não eu. Como Emerson, escrevo por cima da porta da minha biblioteca a palavra «Capricho». Além disso, o meu artigo é um aviso realmente salutar e benéfico. Se for tomado em conta, poderá haver um novo Renascimento da Arte.

CYRIL: Qual é o tema?

VIVIAN: Tenciono chamar-lhe «O Declínio da Mentira: Um Protesto».

CYRIL: A mentira! Eu tenderia antes a pensar que os nossos políticos continuam a alimentar o seu hábito.

VIVIAN: Garanto-te que não. Nunca se elevam acima da distorção, e, na realidade, condescendem em provar, em discutir, em argumentar. Coisas completamente diferentes da têmpera do verdadeiro mentiroso, com as suas afirmações directas e intrépidas, a sua soberba irresponsabilidade, o seu saudável desprezo natural por qualquer espécie de provas! O que é, afinal, uma boa mentira, senão a que é, simplesmente, a sua própria demonstração? Se um homem for suficientemente desprovido de imaginação para apresentar provas em apoio de uma mentira, também poderia começar por falar logo a verdade. Não, os políticos não servem. Poder-se-ia, talvez, dizer alguma coisa em defesa da ordem dos advogados. Os seus membros her-

daram o manto dos sofistas. Os seus ardores fingidos e a sua retórica irreal são deliciosos. São capazes de fazer com que a pior pareça a melhor das causas, como se tivessem acabado de sair das escolas leontinas, e é sabido que conseguem arrancar de júris hostis triunfantes veredictos de absolvição dos seus clientes, até mesmo quando, como muitas vezes acontece, a inocência desses clientes é evidente e não deixa margem para dúvidas. Mas ocupam-se do prosaico, e não se envergonham de invocar o precedente. A despeito dos seus esforços, a verdade acaba por vir ao de cima. Os próprios jornais degeneraram. Hoje podemos confiar absolutamente no que dizem. Temos a impressão de nos atolarmos nas suas colunas. É sempre o ilegível que acontece. Receio que não se possa dizer muito mais em abono nem do advogado, nem do jornalista. Além disso, a minha apologia é a da Mentira na arte. Queres que te leia o que escrevi? Talvez te fizesse bastante bem.

CYRIL: Com certeza, se me deres um cigarro. Obrigado. A propósito, para que revista tencionas enviá-lo?

VIVIAN: Para a *Retrospective Review*. Penso que te disse que os eleitos a tinham ressuscitado.

CYRIL: Quem queres tu dizer com «os eleitos»?

VIVIAN: Oh, Os Hedonistas Cansados, é claro. É um clube de que sou membro. Espera-se que ponhamos rosas murchas na botoeira quando nos reunimos, e temos uma espécie de culto por Domiciano. Receio que não sejas elegível. Tens demasiado gosto pelos prazeres simples.

CYRIL: Queres dizer que seria rejeitado pela minha energia demasiado animal?

VIVIAN: Provavelmente. Além disso, és ligeiramente velho de mais. Não admitimos ninguém com a idade habitual.

CYRIL: Bem, eu diria que vocês devem estar bastante fartos uns dos outros.

VIVIAN: Estamos. É esse um dos objectivos do clube. Agora, se prometeres que não me interrompes demasiadas vezes, vou ler-te o meu artigo.

CYRIL: Estou a ouvir-te com a máxima atenção.

VIVIAN (*lendo numa voz muito clara*): «O Declínio da Mentira: Um Protesto. — Uma das principais causas a que pode atribuir-se o curioso carácter de lugar-comum da maior parte da literatura do nosso tempo é indubitavelmente o declínio da Mentira como arte, ciência e prazer social. Os historiadores antigos davam-nos sob a forma de factos uma ficção deliciosa; o romancista moderno apresenta-nos factos insípidos disfarçados de ficção. O Livro Azul tende a tornar-se rapidamente o seu ideal tanto de método como de estilo. Tem o seu ente-diante *document humain*, o seu miserável *coin de la création*, que examina ao microscópio. Pode ser visto na Librairie Nationale, ou no British Museum, a ler descaradamente obras que tratam do seu tema. Não tem sequer a coragem das ideias dos outros, mas insiste em dirigir-se directamente à vida seja para o que for, e, por fim, entre enciclopédias e experiências pessoais, toca o fundo, extraindo os seus tipos do círculo familiar ou da lavadeira que vem todas as semanas, tendo assim adquirido uma tal quantidade de informação útil, de que nunca, nem mesmo nos seus momentos mais meditativos, poderá libertar-se por completo.

«É difícil exagerar a perda que resulta para a literatura em geral deste falso ideal do nosso tempo. As pessoas falam irreflectidamente de um “mentiroso nato”, da mesma maneira que falam de um “poeta nato”. Mas enganam-se em ambos os casos. A mentira e a poesia são artes — artes, como Platão viu, não desligadas uma da outra — e exigem o estudo mais atento, a dedicação mais desinteressada. Com efeito, as duas têm a sua técnica, do mesmo modo que as artes mais materiais da pintura e da escultura têm os seus segredos subtis de forma e cor, os seus segredos do ofício, os seus métodos artísticos conscientes. Tal como conhecemos o poeta pela sua música perfeita, assim podemos reconhecer o mentiroso pela sua rica expressão rítmica, e a inspiração ao acaso do momento não é, em caso algum, suficiente. Aqui, como em toda a parte, a